

Possíveis aproximações entre os conceitos de “inconsciente ótico”, de Walter Benjamin, e *punctum*, de Roland Barthes.

Mário Santiago

Belo Horizonte – Janeiro - 2010

“Quando os inventores de um novo instrumento o aplicam à observação da natureza, o que eles esperavam da descoberta é sempre uma pequena fração das descobertas sucessivas, em cuja origem está o instrumento.”

François Arago

“Apesar de toda a perícia do fotógrafo e de tudo o que existe de planejado em seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar (...) a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos.”

Walter Benjamin

”O fotógrafo me ensina como se vestem os russos: noto o grosso boné de um garoto, a gravata de outro, o pano da cabeça da velha, o corte de cabelo de um adolescente...”

William Klein

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de identificar pontos de aproximação entre os conceitos de “inconsciente ótico” e *punctum*, o primeiro presente no ensaio “Pequena história da fotografia” (1931), de Walter Benjamin e o segundo no livro *A câmara clara* (1980), de Roland Barthes. Ambas as proposições estão, a meu ver, amparadas pela teoria freudiana do “inconsciente”. Em Benjamin, mais declaradamente; em Barthes, nem tanto, mas de forma indiretamente apreensível. Logo, para a realização desta tarefa busquei a mediação de dois textos seminais da teoria psicanalítica de Sigmund Freud: “*Algunas observaciones sobre el concepto de lo inconsciente en el psicoanálisis*” (1912) e “*Lo inconsciente*” (1915). Além disso, procurei analisar alguns trechos do livro *L’imaginaire*, de Jean-Paul Sartre (que recebe uma homenagem logo no início de *A câmara clara*) e de outras obras de Barthes como o ensaio “A mensagem fotográfica” (que é parte do primeiro capítulo de *O óbvio e o obtuso*), e os fragmentos de *Roland Barthes por Roland Barthes*. Esses textos me pareceram ser, pelo menos preliminarmente, de grande importância para o objetivo deste breve trabalho.

O INCONSCIENTE FREUDIANO

Segundo Freud:

Una representación (...) puede hallarse ahora presente en mi conciencia, desaparecer de ella en el momento inmediato y emerger de nuevo, sin modificación alguna, después de un intervalo; mas no como consecuencia de una nueva percepción sensorial, sino del recuerdo (...).¹

Para uma melhor compreensão disto somos levados a supor que mesmo nesse “intervalo” a representação já estaria presente no nosso espírito, “(...) *aunque permanecía latente en la conciencia*”². Com isto, ainda de acordo com Freud, pode-se chamar

‘consciente’ a la representación que se halla presente en nuestra conciencia y es objeto de nuestra percepción (...). En cambio,

1 “*Algunas observaciones sobre el concepto de lo inconsciente en el psicoanálisis*”, p. 1697.

2 *Ibid.*

*denominaremos 'inconsciente' a aquellas representaciones latentes de las que tenemos algún fundamento para sospechar que se hallan contenidas en la vida anímica, como sucedía en la memoria.*³

Esta representação não será, segundo Freud, diretamente percebida por nós mas sempre teremos uma disposição para reconhecê-la e afirmá-la, “(...) *bansándose em indícios y pruebas de otro orden.*”⁴

Em outro momento desse mesmo texto, o fundador da psicanálise fala de procedimentos que excluem da consciência a ideia de inconsciente, “(...) *por fuerzas vivas que se oponen a su recepción, no oponiendo, em cambio, obstáculo ninguno a las ideas preconsciouses.*”⁵ Aí se estabelece uma espécie de jogo entre a atividade pré-consciente e a atividade consciente: “*Sólo entonces adquiere un valor teórico y práctico la diferencia entre ideas preconsciouses, que surgen en la conciencia y pueden volver a ella en todo momento, e ideas inconsciouses, a las que ello está vedado.*”⁶ Esta atividade é explicada por Freud como análoga aos procedimentos da arte da fotografia: “*El primer estadio de la fotografía es la negativa. Toda imagen fotográfica tiene que pasar por el proceso negativo, y algunas de estas negativas, que han resistido bien la prueba, son admitidas al proceso positivo, que acaba en la imagen perfecta.*”⁷

Em “*Lo inconsciente*” (1915), um outro importante texto do conjunto da teoria freudiana sobre o inconsciente, o autor nos diz que

*El psicoanálisis nos obliga (...) a afirmar que los procesos psíquicos son inconsciouses y a comparar su percepción por la conciencia con la que los órganos sensoriales hacen del mundo exterior. Esta comparación (prosegue Freud), nos ayudará, además, a ampliar nuestros conocimientos.*⁸

Em ambos os textos acima brevemente arrolados espero ter encontrado os elementos teóricos que auxiliarão na compreensão dos mecanismos anímicos implicados nos

3 Ibid.

4 Ibid.

5 Idem, p. 1700

6 Ibid.

7 Ibid.

8 “Lo inconsciente”, p. 2064

conceitos formulados, tanto por Walter Benjamin quanto por Roland Barthes, para a leitura que os dois autores fizeram da representação fotográfica.

O “INCONSCIENTE ÓTICO” DE WALTER BENJAMIN

Na “Pequena história da fotografia” (1931), ao falar sobre a “presença” do acaso na imagem fotográfica, Benjamin se refere ao percurso inconsciente do observador sobre o espaço ou a imagem trabalhados conscientemente pelo fotógrafo: “A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar.”⁹ Na trama que se estabelece entre o observador e a representação, já tematizada por Sigmund Freud¹⁰, ao observamos uma determinada foto podemos observar “o movimento de um homem que caminha, ainda que em grandes traços, mas nada percebemos de sua atitude na exata fração de segundo em que ele dá um passo.”¹¹ Benjamin leva em consideração (a exemplo de Freud) que o aparato fotográfico e os processos necessários para tornar positivas as imagens capturadas pela câmara têm a capacidade de colocar diante de nossos olhos e tornar conscientes determinadas particularidades da representação das quais tínhamos apenas algumas “representações latentes”:

Características estruturais, tecidos celulares, com os quais operam a técnica e a medicina, tudo isso tem mais afinidades originais com a câmara que a paisagem impregnada de estados afetivos, ou o retrato que exprime a alma do modelo.¹²

Somente a fotografia (diferentemente da pintura que, segundo ele, manifesta principalmente o “talento artístico do seu autor”)¹³ é capaz de revelar à consciência algo estranho e novo que há no espaço das representações da natureza, essa espécie de “inconsciente ótico” do qual a teoria psicanalítica quer dar conta ao falar do “inconsciente pulsional”. Por outro lado, ainda conforme Walter Benjamin e numa formulação que demonstra uma forte articulação com as ideias freudianas, no conteúdo impresso pelas técnicas de transposição do “negativo” para o “positivo”¹⁴,

9 “Pequena história da fotografia”, p. 94

10 Cfe. nota 1

11 “Pequena história da fotografia”, p. 94

12 Ibid.

13 Idem, p. 93

14 Cfe. nota 6

(...) a fotografia revela (...) os aspectos fisionômicos, mundos de imagens habitando as coisas mais minúsculas, suficientemente ocultas e significativas para encontrarem um refúgio nos sonhos diurnos, e que agora, tornando-se grandes e formuláveis, mostram que a diferença entre a técnica e a magia é uma variável totalmente histórica.¹⁵

Nesta passagem da “Pequena história da fotografia”, mais uma vez, pode-se perceber uma afinidade do pensamento de Walter Benjamin com o pensamento de Freud quando este comenta sobre o movimento do inconsciente que, mobilizando algo já presente na memória como resultado de alguma experiência empírica vivida pelo sujeito que contempla uma imagem fotográfica, torna conscientes e dá um novo sentido a essa representação.¹⁶ Na imagem abaixo, do fotógrafo escocês David Octavius Hill (1802–1870), Benjamin vê algo capaz de revelar a novidade e a estranheza que podem ser observadas na representação fotográfica:

(...) na vendedora de peixes de New Haven, olhando o chão com um recato tão displicente e tão sedutor, preserva-se algo que não se reduz ao gênio artístico do fotógrafo Hill, algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquela que viveu ali, que também na foto é real, e que não quer extinguir-se na “arte”.¹⁷

15 Idem, p. 94-95

16 Cfe. nota 7

17 Idem, p. 93



Fig. 1 - David Octavius Hill
[Vendedoras de peixes de New Haven], ca. 1845

O *PUNCTUM* DE ROLAND BARTHES

Em *A câmara clara* Barthes fala de dois elementos que fundaram o seu interesse pela fotografia, ou por algumas fotos. O primeiro deles, *studium*, indica, para o autor, a presença nas fotos de uma “vastidão (...) um campo, que percebo com bastante familiaridade em função de meu saber, de minha cultura (...).”¹⁸ A seguir Barthes fala de um “interesse geral”¹⁹ que tem por determinadas fotos, de uma espécie de “afeto médio”²⁰.

É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (...) que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações.²¹

Enfim, o *studium* representa um campo no qual o autor pode reconhecer

18 *A câmara clara*, p. 44

19 *Idem*, p. 45

20 *Ibid.*

21 *Idem*, p. 45-46

as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las em mim mesmo, pois a cultura (...) é um contrato feito entre os criadores e os consumidores.²²

O outro elemento indicado por Barthes é o *punctum*, “(...) que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar (como um) lance de dados (...) esse acaso que (...) me *punge* (mas também me mortifica, me fere).”²³ O *punctum* é um “detalhe”, uma co-presença, para a qual “nenhuma análise (...) me seria útil (mas talvez [...] a lembrança): basta que a imagem seja suficientemente grande, que eu não tenha de escrutá-la (...), que, dada em plena página, eu a receba em pleno rosto.”²⁴ O *punctum* supõe uma entrega do “*spectator*” a esse “detalhe” que salta da foto para “pungir” as suas emoções, com aquelas representações latentes (das quais Freud fala)²⁵, minúsculas e ocultas (das quais fala Walter Benjamin)²⁶. Se esses “detalhes” não conseguem “ferir” o espectador, diz Barthes, “é porque foram colocados lá intencionalmente pelo fotógrafo.”²⁷ O que não parece ter ocorrido na foto tomada por Hill (ver fig. p. 7).

O INSIGNIFICANTE NA IMAGEM FOTOGRÁFICA

Há em *O óbvio e o obtuso* um comentário de Barthes sobre a importância daquilo que na imagem fotográfica parece ser insignificante e que pode se tornar significativo para um “leitor” particular. Diz Barthes:

Tudo o que podemos dizer é que o homem moderno projeta na leitura da fotografia sentimentos e valores caracteriais, ou ‘eternos’ (...), que a significação é sempre elaborada por uma sociedade ou por uma história definidas; a significação é, em suma, o movimento dialético que resolve a contradição entre o homem cultural e o homem natural.²⁸

22 Idem, p. 48

23 Idem, p. 46

24 Idem, p. 69

25 Cfe. nota 3

26 Cfe. nota 14

27 *A câmara clara*, p. 75

28 *O óbvio e o obtuso*, p. 21

Isto talvez se aplique também à reflexão que faz o autor sobre a importância dos “detalhes” para a percepção da foto, bem como à de Freud²⁹ sobre o movimento realizado pela percepção sensorial das representações (no caso da imagem fotográfica).

O IMAGINÁRIO NA PERCEPÇÃO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA

Em *Roland Barthes por Roland Barthes* encontra-se um fragmento sobre o imaginário que pode ser adequado para a compreensão desse movimento de percepção da imagem fotográfica. Barthes fala da “encenação de um imaginário”³⁰, algo que também está muito próximo das ideias de Freud e Benjamin: “‘Encenar’ quer dizer: escalonar suportes, dispersar papéis, estabelecer níveis e, no final das contas: fazer da ribalta uma barra incerta.”³¹ Esses graus de incerteza, embora não possam ser tão objetivamente enumeráveis (segundo Barthes), talvez também venham a se constituir no verdadeiro móvel da leitura da imagem fotográfica, neste “detalhe” que despertou a atenção de um determinado leitor e que conduziu o seu imaginário para o “fora” da própria imagem (no que estará pensando a mulher sentada em primeiro plano na mesma foto de David Hill?) (ver fig. p. 7).

“O PAPEL DA IMAGEM NA VIDA PSÍQUICA”³²

Para concluir, há no livro *L’imaginaire*, de Jean-Paul Sartre, uma interessante passagem que pode explicitar o interesse de Barthes por esta obra:

*Nous ne chercherons pas à savoir si toute pensée irréfléchie prend forme d’image. Il nous suffit d’avoir constaté que l’image est comme une incarnation de la pensée irréfléchie. La conscience imageante représente un certain type de pensée : une pensée qui se constitue dans et par son objet. Toute pensée nouvelle concernant cet objet se présentera, dans la conscience imageante, comme une détermination nouvelle appréhendée sur l’objet.*³³

29 Cfe. nota 1

30 *Roland Barthes por Roland Barthes*, p. 121

31 *Idem*

32 Título da terceira parte de *L’imaginaire*, de Jean-Paul Sartre

33 *L’imaginaire*, p. 216-217

“Não procuraremos saber se todo pensamento irrefletido toma a forma de imagem. É suficiente saber que a imagem é como uma encarnação do pensamento irrefletido. A consciência imaginante representa um certo tipo de pensamento: um pensamento que se constitui no e por seu objeto. Todo novo pensamento concernente a este objeto se apresentará, na consciência imaginante, como uma nova determinação do objeto.”

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BENJAMIN, Walter. “Pequena história da fotografia”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Obras escolhidas), pág. 91-107.

FREUD, Sigmund. “*Algunas observaciones sobre el concepto de lo inconsciente en el psicoanálisis.*” In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. 4. ed. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva. - (Tomo II), pág. 1697 – 1701.

FREUD, Sigmund. “*Lo inconsciente*”. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. 4. ed. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva. - (Tomo II), pág. 2061 - 2082.

SARTRE, Jean-Paul. *L'imaginaire*. Paris: Gallimard, 2005.